

TESOURO EM VASO DE BARRO: CHARLES SPURGEON E A PALAVRA ENCARNADA, ESCRITA E PROCLAMADA

*Alderí Souza de Matos**

RESUMO

O pastor batista inglês do século 19 Charles Haddon Spurgeon é considerado o “príncipe dos pregadores”. Ele começou a pregar de maneira arrebatadora quando ainda adolescente e ao longo de quarenta anos de ministério proclamou o evangelho a milhões de ouvintes. Graças à publicação de um imenso número de seus sermões, é considerado o indivíduo com maior volume de obras publicadas em toda a história do cristianismo. Além de pregar amplamente, pastoreou uma igreja com milhares de membros, fundou dezenas de organizações e manteve volumosa correspondência. Um traço marcante de sua carreira foi o fato de ser um ardoroso calvinista, principalmente graças à influência dos puritanos, cujos escritos leu avidamente desde a infância. Este artigo começa por esboçar os aspectos mais salientes da sua biografia, destaca a seguir algumas características da sua pregação e produção literária e conclui fazendo um apanhado de seu pensamento em torno de três temas: a Bíblia (palavra escrita), Jesus Cristo (palavra encarnada) e a pregação (palavra proclamada).

PALAVRAS-CHAVE

Charles Spurgeon; Protestantismo inglês; Congregacionalismo; Igreja batista; Calvinismo; Puritanismo; Pregação; Bíblia; Jesus Cristo.

* Doutor em Teologia (Th.D.), História da Igreja, Boston University School of Theology (Boston, MA); Mestre em Teologia (S.T.M.), Novo Testamento, Andover Newton Theological School (Newton Centre, MA); professor de Teologia Histórica no CPAJ; historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

INTRODUÇÃO

Desde o século 16, a Inglaterra é um dos países que têm dado contribuições mais significativas ao protestantismo mundial e, em especial, ao movimento evangélico. Os Estados Unidos, herdeiros das colônias inglesas da América do Norte, também deixaram um legado extraordinário, mas isso só ocorreu a partir do século 18 e em resposta a notáveis eventos ocorridos na pátria-mãe. São exemplos disso o movimento puritano (séculos 16 e 17), os grandes avivamentos (séculos 18 e 19) e as missões mundiais (séculos 19 e 20). Esses fenômenos foram protagonizados por indivíduos de grande estatura moral, espiritual e intelectual como John Owen, Richard Baxter, os irmãos Wesley, John Newton, George Whitefield e William Carey, dentre muitos outros. No século 19, um desses gigantes foi Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), considerado o príncipe dos pregadores.

Numa época de grandes oradores sacros dos dois lados do Atlântico, como Charles Simeon, Horatius Bonar, Robert Murray M'Cheyne, Henry Ward Beecher e Dwight Moody, ele se destacou de maneira excepcional por sua eloquência, magnetismo e profundidade. Isso resultou em parte de seu talento pessoal, mas principalmente da grande herança que recebeu de três séculos de fé evangélica em seu país. A principal influência que plasmou a personalidade, pregação e teologia de Spurgeon foi o puritanismo. Os primeiros anglicanos, a partir do próprio arcebispo Thomas Cranmer, eram fortes partidários de Calvino, mas foi entre os puritanos que o calvinismo, ou seja, a fé reformada, alcançou a sua expressão máxima na Inglaterra. Esse movimento surgiu de maneira claramente identificada no início do reinado de Elizabete (anos 1560), alcançou o seu ápice na década de 1640, época da Assembleia de Westminster, mas sofreu um grande revés em 1662, quando cerca de dois mil ministros com essa persuasão foram expulsos da Igreja da Inglaterra.

Depois disso, ainda que tenha cessado como movimento, o puritanismo inglês deixou vigorosas contribuições que perduram até o presente. Seus partidários se notabilizaram pela intensidade de sua vida devocional, profundo interesse pelas Escrituras, zelo pastoral, pregação fervorosa e, aliado a tudo isso, um vigoroso cultivo da vida intelectual. Inspirados pela Reforma Suíça, os puritanos desenvolveram e enriqueceram a teologia da primeira geração de reformadores continentais, produzindo uma obra literária que impactou profundamente sucessivas gerações. Entre os seus herdeiros estava Charles Spurgeon.

Não só os sermões e outros escritos desse pregador constituem um acervo bibliográfico de vastas proporções, mas também são muito numerosos os estudos sobre sua vida, obra e pensamento.¹ O presente artigo aborda inicialmente

¹ Algumas obras sobre o personagem na biblioteca de teologia do Mackenzie são as seguintes: ANGLADA, Paulo. *Spurgeon e o evangelismo moderno*. São Paulo: Os Puritanos, 1996; CARLILE, J.

a vida e a carreira singular do personagem. Em seguida, faz considerações sobre seu estilo de pregação e suas publicações. Por fim, se detém sobre o grande apreço que ele dedicou à “Palavra”, em três aspectos: a palavra escrita (a Bíblia), a palavra encarnada (Cristo) e a palavra proclamada (a pregação). Tudo isso ocorreu em um contexto pessoal marcado por grandes dificuldades e provações, principalmente no âmbito da saúde.

1. A VIDA DE SPURGEON

“Minha vida me parece um sonho de fadas. Muitas vezes fico ao mesmo tempo maravilhado e atordoado com suas misericórdias e seu amor. Ó, quão bom Deus tem sido para mim!”. Com essas palavras autobiográficas tem início um valioso documentário sobre Spurgeon filmado em 2014.² Sua atitude diante de Deus e de sua própria vida é reveladora de alguns dos traços mais marcantes do seu pensamento. O “príncipe dos pregadores” nasceu em 19 de junho de 1834 na pequena Kelvedon, no condado de Essex, cerca de 85 quilômetros a nordeste de Londres. Essa região possuía uma longa tradição de resistência protestante que remontava às perseguições de Maria, a Sanguinária, no século 16.³ Em seu breve reinado de cinco anos (1553-1558), a rainha Maria Tudor tentara por todos os meios restaurar o catolicismo que havia sido marginalizado no reinado igualmente breve de seu irmão Eduardo VI. Nesse processo, ela perseguiu cruelmente os protestantes, condenando quase três centenas deles à dolorosa morte na fogueira, origem do epíteto pelo qual ficou para sempre conhecida. Suas ações intensificaram na Inglaterra um forte sentimento anti-católico que era partilhado por Spurgeon.

C. *Charles Spurgeon: the great orator*. Uhrichsville: Barbour, 1997; DALLIMORE, Arnold. *Spurgeon: a new biography*. Carlile: Banner of Truth, 1985; DRUMMOND, Lewis A. *Spurgeon: prince of preachers*. Grand Rapids: Kregel, 1992; HAYDEN, Eric. *The unforgettable Spurgeon: C. H. Spurgeon's attitudes, convictions, experiences, and theology as he recorded them in The Sword and the Trowel (1865-1892)*. Greenville: Ambassador, 1997; LAWSON, Stephen J. *O foco evangélico de Charles Spurgeon: um perfil de homens piedosos*. Trad. Elizabeth Charles Gomes. São José dos Campos: Fiel, 2012; MURRAY, Iain H. *The forgotten Spurgeon*. Carlile: Banner of Truth, 1973; MURRAY, Iain H. *Spurgeon v. hyper-calvinism: the battle for gospel preaching*. Carlile: Banner of Truth, 1997; RUSPANTINI, Anthony J. (Org.). *Quoting Spurgeon: Charles Spurgeon*. Grand Rapids: Baker, 1994; SPURGEON, Charles H. *Spurgeon's expository encyclopedia: sermons*. Grand Rapids: Baker, 1985; SPURGEON, Charles H. *Spurgeon ainda fala: esboços de sermões editados e condensados por David Otis Fuller*. Grand Rapids: Eerdmans, s/d; SPURGEON, Charles H. *Autobiography*. A revised edition, originally compiled by Susannah Spurgeon and Joseph Harrald. Carlile: Banner of Truth, 1985-1995; THIELICKE, Helmut. *Encounter with Spurgeon*. Filadélfia: Fortress, 1963.

² MCCASKELL, Stephen. “Through the Eyes of Spurgeon”, Canadá, 2014.

³ KRUPPA, Patricia Stallings. “The life and times of Charles H. Spurgeon”, *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 8.

Seu pai (John) e seu avô (James) eram ministros independentes ou “não conformistas” (congregacionais). Essas designações eram dadas a alguns grupos de herdeiros dos puritanos que estavam à margem da confissão estabelecida, a Igreja da Inglaterra, detentora de todos os privilégios. As recordações mais antigas de Spurgeon sobre sua infância foram ouvir sermões, aprender hinos e olhar as gravuras do grande clássico *O Peregrino*, de John Bunyan, que ele haveria de ler mais de 100 vezes ao longo da vida. Também foi profundamente impactado pelo *Livro dos Mártires*, de John Foxe, uma crônica grandemente popular das referidas perseguições marianas. Seus heróis eram, e continuaram a ser ao longo dos anos, os valentes protestantes e puritanos perseguidos e martirizados naquela época.

Spurgeon foi o primeiro de 17 filhos, nove dos quais morreram na infância. Ainda pequenino (1835), foi morar com os avós e uma tia na pequena vila rural de Stambourne, perto de Cambridge, à qual voltaria muitas vezes no futuro em busca de descanso. Sua tia Ann, de 17 anos, muito fervorosa em sua fé evangélica, tornou-se a sua segunda mãe. Certa vez o menino deu uma demonstração precoce do seu futuro trabalho ao repreender numa taverna local um homem que estava “quebrando o coração” de seu avô pastor. Naquela época, durante a Revolução Industrial, estava desaparecendo a velha Inglaterra rural, substituída por uma sociedade majoritariamente urbana.⁴

Em 1841, lamentando deixar o lar do avô, ao qual havia se afeiçoado fortemente, o menino voltou a residir com os pais e os irmãos, agora em Colchester. Quando tinha dez anos, um missionário visitante, Richard Knill, interessou-se por ele, falou-lhe das coisas de Deus e declarou diante da família a sua convicção de que um dia ele iria pregar o evangelho a grandes multidões. Em 1849, aos 15 anos, escreveu o seu primeiro livro, *O Papismo Desmascarado*, com 295 páginas, que foi premiado em um concurso de escritores.

A autora Patricia Kruppa descreve a formação educacional de Spurgeon como medíocre segundo os padrões da época.⁵ Ele frequentou por alguns anos um educandário em Colchester e por breve tempo foi professor assistente em uma escola anglicana cujo diretor era seu tio materno. Nessa época um dos mestres o convenceu acerca da legitimidade do “batismo de crentes”, em oposição ao batismo infantil. Em seguida, estudou na Newmarket Academy, onde foi fortemente influenciado pelo uma piedosa cozinheira calvinista, Mary King. Em 1850, mudou-se para Cambridge, porém, sendo um dissidente (*dissenter*), não ligado à igreja estatal, não tinha o direito de obter um diploma quer em Oxford ou em Cambridge. Havia excelentes academias e faculdades dos *dissenters*, mas ele decidiu não buscar um treinamento formal

⁴ Ibid., p. 9.

⁵ Ibid.

para o ministério, apelando para Jeremias 45.5: “E procuras tu grandezas? Não as procures”. Embora, ao contrário de outros jovens, Spurgeon tenha obtido apenas um conhecimento limitado dos clássicos, foi um autodidata que valorizava a cultura e amava os livros. Com isso, veio a se tornar um indivíduo com apreciável bagagem intelectual e notável domínio do idioma.

Converteteu-se a Cristo em 6 de janeiro de 1850, ao ouvir casualmente um sermão em uma capela metodista primitiva, forçado por uma tempestade de neve. O pregador leigo falou sobre Isaías 45.22 (“Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro”), olhando fixamente para o adolescente confuso e angustiando que o ouvia. Ao chegar em casa, a mãe, Eliza, vendo a mudança do seu semblante, exclamou: “Algo maravilhoso aconteceu com você”. Foi batizado por imersão no rio Lark, em Isleham Ferry, e, para surpresa dos pais, ingressou na igreja batista, em Cambridge, por discordar do batismo infantil. No ano seguinte, aos 16 anos, pregou seu primeiro sermão, em Taversham.

Pouco depois, tornou-se pastor da capela de Waterbeach, a poucas milhas de Cambridge. O pregador adolescente rapidamente adquiriu fama como um verdadeiro menino prodígio. Sua aparência juvenil contrastava com a maturidade de seus sermões, fortemente influenciados pelas obras dos puritanos que havia estudado desde a infância. Tinha uma memória excepcional e pregava extemporaneamente, usando apenas um esboço. Sua juventude, energia e dons de oratória causaram um vívido impacto nas igrejas em que pregou. As pessoas caminhavam longas distâncias para ouvi-lo e logo a sua fama alcançou Londres.

Em 1854, aos 19 anos, foi convidado para pregar na histórica capela de New Park Street, na capital inglesa. No passado, essa antiga igreja havia sido pastoreada por expoentes como Benjamin Keach⁶ e John Gill. A congregação ficou impressionada e decidiu quase por unanimidade convidá-lo para um período de experiência de seis meses, embora ele, temeroso de que não agradasse, tivesse pedido que esse período inicial fosse de apenas três meses. Acabaria ficando à frente daquela comunidade por 38 anos. Quando chegou, a igreja tinha 232 membros; no final do seu pastorado, o número de membros haveria de atingir 5.311. Ao todo, 14.460 pessoas ingressaram na igreja durante o seu ministério. Curiosamente, assim como não estudou teologia formalmente também nunca buscou a ordenação, algo que aparentemente aconteceu com o próprio reformador João Calvino.

Em 1855, quando estava com apenas 20 anos, seus sermões começaram a ser publicados. Realizou o primeiro culto num grande auditório londrino, o Exeter Hall, e começou a orientar o seu primeiro estudante para o ministério, Thomas Medhurst. No ano seguinte, casou-se com Susannah Thompson, uma

⁶ Sobre Benjamin Keach, ver: PORTE JÚNIOR, Wilson. “Benjamin Keach e o pacto da graça: a teologia de um batista reformado do século 17”. Monografia de M.Div., CPAJ, 2011.

bela jovem que era membro de sua igreja. No início ela havia se sentido muito pouco atraída por ele, achando-o rústico e malvestido. No ano seguinte, tiveram seus únicos filhos, os gêmeos Charles (mesmo nome do pai) e Thomas.⁷ Sua vida conjugal foi exemplar e uma grande fonte de força e sustento para o casal nos muitos momentos difíceis pelos quais haveriam de passar. O primeiro desses momentos ocorreu no mesmo ano do casamento (1856). Spurgeon estava dirigindo um culto no vasto Surrey Gardens Music Hall quando alguns indivíduos gritaram “fogo”. No tumulto que se seguiu, sete pessoas morreram pisoteadas e muitas ficaram feridas. Esse incidente quase pôs fim ao seu ministério: profundamente deprimido, ele ficou várias semanas sem poder pregar.

No verão de 1860, usando uma toga pela única vez em sua vida, Spurgeon pregou no púlpito de Calvino em Genebra e se encontrou com grande número de pastores reformados de língua francesa. Mais tarde, ele faria algumas afirmações um tanto grandiloquentes sobre o reformador, ressaltando, porém, a importância muito maior da mensagem proclamada por ele:

Entre todos os nascidos de mulher não surgiu um maior do que João Calvino. Nenhuma época antes dele jamais produziu um igual e nenhuma depois dele viu um rival. Na teologia ele permanece sozinho, fulgurando como brilhante estrela fixa, enquanto outros líderes e mestres só podem orbitar em torno dele a uma grande distância... A fama de Calvino é eterna por causa da verdade que ele proclamou, e mesmo no céu, ainda que percamos o nome do sistema de doutrina que ele ensinou, ela será aquela verdade que nos fará tocar nossas harpas de ouro e cantar àquele que nos amou e nos lavou dos nossos pecados em seu próprio sangue e nos fez reis e sacerdotes para Deus, o seu Pai. A ele seja a glória e o domínio para todo o sempre.⁸

Em 1861, ele falou a sua maior audiência a portas fechadas: 23.654 pessoas no Palácio de Cristal, em Londres. Nesse ano, foi inaugurado livre de dívidas, ao custo de pouco mais de 31.000 libras, o Tabernáculo Metropolitano, com capacidade para 5.600 pessoas. O nome foi proposital: foi denominado “tabernáculo” para deixar claro que era apenas um santuário terreno e transitório, ao contrário da habitação celestial. As grandes colunas gregas da fachada serviam para lembrar a língua e a cultura nas quais foi produzido o Novo Testamento. Spurgeon dirigiu sua igreja com mão firme e costumava entrevistar pessoalmente cada novo membro, para se certificar de que sua conversão era genuína. A maior parte dos congregados pertencia à classe média baixa. Seus diáconos nutriam imensa admiração por ele.

⁷ De acordo com o Evangelho de João, Tomé (Thomas) também era chamado Dídimo, ou seja, “gêmeo” (11.16; 20.24; 21.2). Spurgeon iria batizar os filhos em 1874.

⁸ MCCASKELL, “Through the eyes of Spurgeon”.

Em 1864, pregou um controvertido sermão sobre “regeneração batismal”, criticando essa doutrina aceita pela Igreja Anglicana, do qual foram vendidas 350 mil cópias. Com isso, alguns amigos afastaram-se dele. No ano seguinte, lançou a revista mensal *The Sword and the Trowel* (A Espada e a Colher de Pedreiro). O subtítulo explicativo era: “Registro do combate ao pecado e de trabalho pelo Senhor”. Em 1866, fundou a Associação de Colportagem do Tabernáculo Metropolitano, voltada para a distribuição de literatura cristã. No ano seguinte, o famoso evangelista americano Dwight Lyman Moody compareceu pela primeira vez a um culto no Tabernáculo. Foi iniciada a construção da ala masculina do Orfanato Stockwell (o orfanato para meninas seria fundado em 1879).⁹ Em 1868, seu irmão, James Spurgeon, tornou-se seu pastor auxiliar. No mesmo ano, Susannah ficou inválida, o que não a impediu de continuar apoiando o ministério do marido. O casal costumava passar as férias em Menton, na Côte d’Azur, no Mediterrâneo, perto da divisa da França com a Itália.

Em 1875, foi inaugurado o Fundo de Livros da Sra. Spurgeon para fornecer literatura cristã a pastores de toda a Inglaterra. A essa altura, estava em plena atividade o Colégio de Pastores, a faculdade de formação pastoral que Spurgeon havia iniciado modestamente em 1857 e que, a partir de 1862, funcionou no Tabernáculo Metropolitano. Em 1874, transferiu-se para instalações próprias atrás do templo e quase meio século depois, em 1923, já com o nome de Colégio de Spurgeon, iria ocupar o endereço atual, em Falkland Park, perto de onde Spurgeon residiu (Westwood).¹⁰ Durante o seu ministério, quase 900 pastores foram treinados nessa escola e quase 200 novas igrejas foram plantadas. Em 1865, Spurgeon inaugurou a Conferência Anual do Colégio de Pastores, altamente valorizada por ele.

Em 1880, Spurgeon mudou-se para sua nova residência no subúrbio de Westwood. Ao completar 50 anos (1884), foi lida uma lista das 66 organizações que ele havia fundado e dirigido. Anthony Ashley Cooper (Lord Shaftesbury), grande reformador social, estava presente e disse: “Essa lista de associações, instituídas por sua genialidade e superintendidas pelo seu cuidado, seria mais do que suficiente para ocupar as mentes e corações de cinquenta homens comuns”.¹¹ Em 1885, foi publicado o último dos sete volumes de *O Tesouro de Davi*, seu apreciado comentário dos Salmos.

⁹ Ver: SHAW, Ian F. “Caring for children”, *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 33-35.

¹⁰ NICHOLLS, Michael Kenneth. “Spurgeon’s College”, *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 42.

¹¹ PIPER, John. “The life and ministry of Charles Spurgeon”. Inaugural Spurgeon lecture, Reformed Theological Seminary, Orlando, FL (Apr. 10, 2013). Disponível em: <https://www.desiringgod.org/messages/the-life-and-ministry-of-charles-spurgeon>. Acesso em: 20 out. 2021.

Como personagem público de fortes convicções, Spurgeon se envolveu ao longo da vida em várias controvérsias teológicas e políticas, pagando pesado preço emocional e físico por algumas delas. Foi amigo e admirador do Primeiro-Ministro W. E. Gladstone, do Partido Liberal, a quem chamava de “Chefe”, mas rompeu com ele em 1886 na questão da autonomia da Irlanda (“home rule”). Essa política alarmou os protestantes irlandeses, para os quais, assim como para Spurgeon, isso significava o domínio de Roma (“Rome rule”).¹² Além de Gladstone, Lord Shaftesbury e Moody, Spurgeon teve outros amigos destacados como o fundador de orfanatos George Müller, o explorador David Livingstone, o missionário Hudson Taylor e o futuro pintor holandês Vincent Van Gogh, que por algum tempo trabalhou como evangelista.

Nos anos seguintes (1887-1888), Spurgeon envolveu-se no episódio mais amargo de sua carreira – a “Controvérsia do Declínio” (*Downgrade Controversy*) –, quando manifestou em sua revista a preocupação com o avanço do liberalismo na Inglaterra, inclusive em sua denominação, e a conseqüente negação de doutrinas fundamentais como a inspiração das Escrituras e o sacrifício expiatório de Cristo.¹³ A União Batista ficou dividida e Spurgeon acabou renunciando a essa organização, que posteriormente aprovou um voto de censura contra ele. Seu próprio irmão afastou-se dele. Alguns acham que essa experiência traumática contribuiu para abreviar a sua vida.

Além das controvérsias, do enorme volume de trabalho (que incluía uma média de 500 cartas a serem respondidas semanalmente) e de um forte senso de responsabilidade em relação aos seus ouvintes, Spurgeon sofreu sérios problemas de saúde, como a doença de Bright (inflamação crônica dos rins), gota (acompanhada de fortes dores) e episódios de depressão incapacitante. Martyn Lloyd-Jones conta que em um dos episódios de depressão severa, indo para o interior a fim de descansar, Spurgeon ouviu um pregador leigo utilizar um de seus sermões e se sentiu grandemente reconfortado.¹⁴

Em 7 de junho de 1891, pregou, sem o saber, seu último sermão no Tabernáculo Metropolitano. Faleceu oito meses depois, em 31 de janeiro de 1892 em Menton, na França. No dia 12 de fevereiro foi sepultado no Cemitério West Norwood, no sul de Londres. O cortejo fúnebre de três quilômetros foi assistido por 100 mil pessoas. Concluindo o sermão junto ao túmulo, seu amigo e pastor Archibald Brown disse:

Campeão de Deus! A tua longa batalha e nobre combate acabaram. A espada que estava em tua mão caiu finalmente; um ramo de palmeira tomou o lugar dela.

¹² BEBBINGTON, David W. “The political force”, *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 39.

¹³ Ver: “The Down-Grade Controversy”, *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 31s.

¹⁴ MCCASKELL, “Through the eyes of Spurgeon”.

Não mais o capacete premirá a tua testa, pela preocupação constante dos teus pensamentos vibrantes sobre combate; a coroa da vitória, entregue pela própria mão do grande comandante, é a prova evidente de tua nobre recompensa.¹⁵

Em 1894, seu filho Thomas foi eleito pastor do Tabernáculo Metropolitano. Sua *Autobiografia* em quatro volumes foi publicada entre 1897 e 1900.

2. PREGAÇÃO E OBRA LITERÁRIA

Spurgeon era um orador cativante, carismático e, como disse um amigo, “dramático até a ponta dos dedos”.¹⁶ Antes de a idade e a doença o tornarem mais contido, ele caminhava pela plataforma e até corria de um lado para o outro. Seus sermões eram repletos de histórias sentimentais que apelavam às pessoas comuns. Sua linguagem era vívida e emocionalmente carregada. No início, os críticos londrinos condenaram o estilo, maneiras e aparência do jovem pregador, mas ele acabou granjeando o respeito de todos. Seu filho Charles deixou um testemunho valioso sobre a sua pregação:

Não havia ninguém que pudesse pregar como o meu pai. Em sua variedade inesgotável, sabedoria perspicaz, proclamação vigorosa, apelo amoroso e ensino lúcido, com uma multidão de outras qualidades, ele deve, ao menos em minha opinião, ser para sempre considerado o príncipe dos pregadores.¹⁷

Dotado de uma bela voz e de um estilo cativante, ele estudava de modo diligente e lia muito, utilizando símiles, metáforas e ilustrações dramáticas. Lewis A. Drummond afirmou de modo muito pertinente: “Dedicado às Escrituras, à oração disciplinada e a um viver piedoso, Spurgeon exemplificava o compromisso cristão quando assumia o púlpito. Isto em si conferia poder à sua pregação”.¹⁸

Essa nobre atividade dominava a tal ponto os seus pensamentos que certa vez pregou um sermão enquanto dormia. A esposa anotou o esboço e ele o utilizou na igreja na manhã seguinte. Calcula-se que, em todo o seu ministério, proclamou a palavra a 10 milhões de pessoas. As conversões foram inúmeras, algumas das quais em circunstâncias bastante inusitadas. Certa vez, testando a acústica do vasto Pavilhão de Agricultura, ele bradou: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Um operário que estava na cobertura ouviu essas palavras e veio a se converter.

¹⁵ FERREIRA, Franklin. “Pela graça de Deus sou o que sou”. In: *Gigantes de fé: espiritualidade e teologia na igreja cristã*. São Paulo: Vida, 2006, p. 278.

¹⁶ KRUPPA, “The life and times of Charles H. Spurgeon”, p. 11.

¹⁷ PIPER, “The life and ministry of Charles Spurgeon”.

¹⁸ DRUMMOND, Lewis A. “The secrets of Spurgeon’s preaching”, *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 16.

Seu estilo era direto e desafiador. Em 5 de dezembro de 1858, ele pregou no Surrey Gardens Music Hall sobre Lucas 14.23: “Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa” (A Parábola da Grande Ceia). Spurgeon disse a certa altura:

E agora ao trabalho – diretamente ao trabalho. Homens e mulheres não convertidos, não reconciliados, não regenerados, eu devo *forçá-los a entrar*. Permitam-me antes de tudo abordá-los nos caminhos do pecado e dizer-lhes mais uma vez a minha tarefa. O Rei dos céus nesta manhã lhes envia um gracioso convite. Ele diz: “Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que ele se converta do seu caminho e viva” [Ez 33.11]; “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor, ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã” [Is 1.18].

... Permitam-me dizer-lhes o que o Rei fez por vocês. Ele conheceu a sua culpa, ele previu que vocês iriam se arruinar. Ele sabia que a sua justiça exigiria o sangue de vocês e, a fim de que essa dificuldade pudesse ser contornada, sua justiça pudesse ser plenamente satisfeita, e vocês ainda pudessem ser salvos, *Jesus Cristo morreu...* Ora, Jesus Cristo de Nazaré fez tudo isto a fim de que Deus pudesse perdoar o pecado de modo consistente com a sua justiça; e a mensagem a vocês nesta manhã é esta: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo” [At 16.31]. Isto é, confiem nele, renunciem a suas obras e a seus caminhos, e coloquem o coração somente nesse homem, que se entregou por pecadores.

... Considerem a mensagem do meu Senhor que ele me ordena agora que entregue a vocês. Mas você a despreza? Você ainda a recusa? Então eu preciso mudar de tom por um minuto... Pecador, em nome de Deus eu lhe ordeno que se arrependa e creia. Você me pergunta de onde vem minha autoridade? Eu sou um embaixador do céu. Minhas credenciais, algumas delas secretas, e no meu próprio coração; e outras delas abertas diante de vocês neste dia nos selos do meu ministério, sentados e em pé neste auditório, onde Deus me tem dado muitas almas como pagamento. Assim como o eterno Deus me tem dado o encargo de pregar o seu evangelho, eu lhes ordeno que creiam no Senhor Jesus Cristo, não por minha própria autoridade, mas na autoridade daquele que disse: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”, e então anexou essa solene sanção: “Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado” [Mc 16.15s].¹⁹

A pregação de Spurgeon era nutrida por suas extensas leituras e profundo estudo da Bíblia. Ele era um leitor voraz: talvez fosse o indivíduo mais lido de seu país. Normalmente lia seis livros por semana e conseguia se lembrar do que havia lido – e onde estava – mesmo anos depois. Colecionou edições das obras dos puritanos e sua biblioteca pessoal chegou a ter 12.000 volumes, entre os

¹⁹ SPURGEON, Charles H. “Compel them to come in”. *Christian History*, Issue 29 (Vol. X, No. 1), 1991, p. 19.

quais mil obras publicadas antes de 1700. Mais tarde, em 1906, o que restou da biblioteca (5.103 volumes) foi adquirido pelo William Jewell College, de Liberty, Missouri, por 2.500 dólares. Exatamente um século depois, em 2006, o Midwestern Baptist Seminary, em Kansas City, no mesmo estado, a adquiriu por 400 mil dólares.²⁰

Ele tem a singularidade de ser o autor com maior volume de obras publicadas na história do cristianismo. O conhecido teólogo e pastor alemão Helmut Thielicke declarou: “Venda todos [os livros] que você tem... e compre Spurgeon”.²¹ Sua principal obra é *O Púlpito de New Park Street e O Púlpito do Tabernáculo Metropolitano* (1855-1917), constituída de 63 volumes de sermões. Durante sua vida foram publicados 2.500 sermões e posteriormente esse total chegou a 3.800. Um taquígrafo registrava os sermões no domingo, ele os lia na segunda-feira e, após uma revisão, eram publicados, circulando às quintas-feiras.

Outras obras significativas do grande pregador são *O Tesouro de Davi* – comentário dos Salmos em 7 volumes, considerado sua obra escrita mais importante; *A Espada e a Colher de Pedreiro* (*The Sword and the Trowel*) – revista mensal publicada de 1865 a 1892, contendo escritos diversos, sermões, editoriais, resenhas e cartas; *Preleções aos Meus Alunos* – 4 volumes de preleções aos alunos do Colégio de Pastores; *Tudo pela Graça* – livro mais famoso de Spurgeon, tratando sobre a salvação, que veio a ser o primeiro livro publicado pela Editora Moody (Associação de Colportagem do Instituto Bíblico Moody).

Também se destacam as seguintes publicações: *Manhã após Manhã, Noite após Noite e Talão de Cheques do Banco da Fé* – leituras devocionais diárias; *Orações de C. H. Spurgeon* – coleção de orações dos cultos do Tabernáculo Metropolitano, publicada postumamente; *Conversas de João Arador e Figuras de João Arador* (no original, “John Ploughman”, isto é, um sertanejo) – sabedoria doméstica de um fazendeiro imaginário; *A Maior Luta do Mundo* – manifesto final de Spurgeon apresentado em sua última conferência de pastores, em 1891. Seu último livro, *O Evangelho do Reino*, um comentário de Mateus, ficou inacabado. A volumosa *Autobiografia de C. H. Spurgeon, compilada de seu diário, cartas e registros por sua esposa e seu secretário particular*, foi publicada nos últimos anos do século 19 (1897-1900).

3. ÊNFASES ESPECIAIS

Spurgeon foi um pregador, evangelista e pastor – não um teólogo no sentido técnico do termo. Todavia, valorizava imensamente a teologia. Ele disse aos seus alunos: “Para serem pregadores eficientes, vocês precisam ser

²⁰ PIPER, “The life and ministry of Charles Spurgeon”.

²¹ DRUMMOND, “The secrets of Spurgeon’s preaching”, p. 14.

teólogos sólidos”. Noutra ocasião, afirmou: “Aqueles que desprezam a doutrina cristã são... os piores inimigos da vida cristã [porque] os carvões da ortodoxia são necessários para o fogo da piedade”.²² Sua teologia pode ser descrita como bíblica e espiritual, e não sistemática, especulativa ou filosófica.

Tem sido minha firme determinação, desde que comecei a pregar a Palavra, nunca evitar uma única doutrina que eu creia ser ensinada por Deus... Se ela estiver na Palavra, agradável ou desagradável, sistemática ou desordenada, eu creio nela.²³

Certa vez, ao ser indagado sobre como podia conciliar a liberdade de Deus com a liberdade humana, ele disse que nunca reconciliava amigos.

Quanto ao conteúdo da sua teologia, Spurgeon era um calvinista convicto, como os seus estimados puritanos. Em 1861, ao ser inaugurado o Tabernáculo Metropolitano, foi pregada uma série de sermões sobre os “cinco pontos do calvinismo”. O seu calvinismo não foi herdado, e sim adotado alguns meses após sua conversão.

Nascido, como todos nós o somos por natureza, um arminiano, eu ainda cria nas velhas coisas que tinha ouvido continuamente do púlpito, e não via a graça de Deus. Um dia, sentado na casa de Deus e ouvindo um sermão... um pensamento atingiu minha mente – *Como foi que me converti?* Eu orei, pensei eu. Então considerei: *Como cheguei a orar?* Fui induzido a orar ao ler as Escrituras. *Como vim a ler as Escrituras?* Ora – eu as li, e o que me levou a isso? E então, num momento, vi que Deus estava na base de tudo, e que ele era o autor da fé. E então se abriu para mim toda a doutrina, da qual não tenho me afastado.²⁴

Na sua adolescência, Spurgeon leu extensamente os puritanos. Mark Hopkins observa que ele encontrou nesses escritos três coisas que estavam quase ausentes do evangelicalismo da época: uma teologia rigorosa, uma espiritualidade calorosa e aplicabilidade. Nesse último aspecto (relevância prática), duas doutrinas foram especialmente caras a ele: as Escrituras e a expiação substitutiva. Hopkins afirma: “Nutrido por sua profunda submissão à Escritura, Spurgeon valorizou profundamente a santidade transcendente de Deus, o vasto abismo que a separava da pecaminosidade humana e a expiação que transpôs esse abismo”.²⁵

Falando sobre sua posição teológica, Spurgeon ponderou:

Para mim, o calvinismo significa colocar o Deus eterno na base de todas as coisas. Eu olho para todas as coisas a partir de sua relação com a glória de Deus.

²² PIPER, “The life and ministry of Charles Spurgeon”.

²³ HOPKINS, “What did Spurgeon believe?”, p. 28.

²⁴ Ibid., p. 29.

²⁵ Ibid., p. 30.

Eu vejo Deus primeiro e o homem lá embaixo na lista. Irmãos, se vivermos em simpatia com Deus, nós nos deleitamos em ouvi-lo dizer: “Eu sou Deus e não há outro”.²⁶

Para ele, como pontua John Piper, o calvinismo era simplesmente um termo limitado para o evangelho bíblico: “Puritanismo, protestantismo, calvinismo [são apenas] nomes pobres que o mundo tem dado a nossa grande e gloriosa fé – a doutrina de Paulo apóstolo, o evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”.²⁷

Em outro lugar, Spurgeon argumentou:

A doutrina que chamamos de “calvinismo” não se originou em Calvino; cremos que ela fluiu do grande fundador de toda a verdade. Talvez o próprio Calvino a tenha derivado principalmente dos escritos de Agostinho. E Agostinho obteve seus pontos de vista, sem dúvida, guiado pelo Espírito Santo de Deus, enquanto estudava diligentemente os escritos do apóstolo Paulo, e Paulo os recebeu do Espírito e de Jesus Cristo, o grande fundador da igreja cristã... As antigas verdades que Calvino pregou, e que Agostinho pregou, são as mesmas verdades que eu prego hoje em dia... O evangelho de John Knox é o meu evangelho. E esse evangelho que trouxe por toda a Escócia deve trazer também em toda a Inglaterra.²⁸

Uma abordagem instrutiva do pensamento e ação de Spurgeon é considerá-los à luz da grande ênfase dada por ele à “Palavra”, em três dimensões essenciais.

3.1 A Palavra escrita

Em primeiro lugar, Spurgeon atribuía enorme importância à palavra escrita, a revelação verbal de Deus consubstanciada na Escritura. Ele foi, durante toda a sua vida, um indivíduo plenamente comprometido com o estudo apaixonado e inteligente da Escritura, para si mesmo e para os outros. Como os puritanos a quem admirava, a Bíblia era um dos referenciais mais influentes de sua vida, pensamento e trabalho pastoral. Franklin Ferreira observa que os seus sermões eram bíblicos e os textos eram tratados dentro dos seus contextos. Ele se preocupava em expor as grandes verdades da Escritura, como a corrupção do ser humano, a livre graça de Deus na eleição de pecadores, a expiação realizada por Cristo, a suficiência das Escrituras e a perseverança dos santos.²⁹

²⁶ PIPER, “The life and ministry of Charles Spurgeon”.

²⁷ Ibid.

²⁸ FERREIRA, “Pela graça de Deus sou o que sou”, p. 275.

²⁹ Ibid., p. 274.

Indo além, John Piper pondera que Spurgeon era não somente um pregador alicerçado na Bíblia, mas saturado da Bíblia. Spurgeon argumenta sobre isso numa declaração muito conhecida:

Oh, que você e eu pudéssemos chegar ao próprio coração da Palavra de Deus, e receber essa Palavra em nós mesmos! Como eu vejo o bicho-da-seda comer a folha, e consumi-la, assim também deveríamos fazer com a Palavra do Senhor. Não rastejar sobre a sua superfície, mas devorá-la até que a tenhamos recebido em nossas partes interiores. É ocioso simplesmente deixar que os olhos passem de relance sobre a palavra..., mas é uma bênção absorver a própria alma da Bíblia, até que, por fim, se chegue a falar em uma linguagem bíblica, e o seu próprio estilo seja plasmado em modelos bíblicos e, o que é ainda melhor, o seu espírito seja sazornado com as palavras do Senhor.

Eu gostaria de mencionar John Bunyan como exemplo do que quero dizer. Leia qualquer coisa dele e você verá que é quase como ler a própria Bíblia. Ele tinha estudado nossa Versão Autorizada... até que seu ser inteiro ficou saturado com a Escritura, e, embora seus escritos sejam graciosamente repletos de poesia, no entanto ele não pode nos dar seu *Progresso do Peregrino* – o mais doce de todos os poemas em prosa – sem continuamente fazer-nos sentir e dizer: “Que coisa, esse homem é uma Bíblia viva!”. Perfure-o em qualquer lugar e você descobrirá que seu sangue é biblíno [sic], a própria essência da Bíblia flui dele.³⁰

3.2 A Palavra encarnada

Numa dimensão ainda mais fundamental, a fé e a pregação de Spurgeon eram intensamente cristocêntricas. Em seu primeiro domingo no Tabernáculo Metropolitano, ele argumentou:

Eu gostaria de propor que o tema do ministério desta casa, enquanto esta plataforma permanecer e enquanto esta casa for frequentada por adoradores, será a pessoa de Jesus Cristo. Eu nunca me envergonho de me declarar um calvinista; eu não hesito em assumir o nome de batista; mas se me perguntarem qual é o meu credo, eu respondo: “É Jesus Cristo”.³¹

Em outra ocasião, ele afirmou:

De tudo que eu gostaria de lhes dizer, o resumo é este: meus irmãos, preguem a Cristo, sempre e mais e mais. Ele é todo o evangelho. Sua pessoa, seus ofícios e sua obra devem constituir o nosso grande e abrangente tema. O mundo continua precisando ouvir falar de seu Salvador e do caminho para chegar a ele. A justificação pela fé deve ser, muito mais do que é, o testemunho diário dos púlpitos protestantes. E se com essa verdade mestra forem mais geralmente

³⁰ PIPER, “The life and ministry of Charles Spurgeon”.

³¹ Ibid.

associadas as outras grandes doutrinas da graça, será melhor para a nossa igreja e o nosso tempo... Não somos chamados para proclamar filosofia e metafísica, mas o simples evangelho. A queda do homem, sua necessidade de um novo nascimento, o perdão por meio da expiação e a salvação como resultado da fé, são esses os nossos machados de combate e as nossas armas de guerra.³²

Referindo-se à fé, ele declarou: “A fé salvadora é um relacionamento imediato com Cristo, aceitando, recebendo, repousando sobre ele somente, para justificação, santificação e vida eterna em virtude do pacto da graça”.³³ Um de seus livros mais belos sobre esse tema é *O Santo e Seu Salvador*, no qual se detém sobre o relacionamento pessoal com Cristo como o centro e principal motivador da vida cristã.

3.3 A Palavra proclamada

Como consequência de seu amor pela palavra escrita (a Bíblia) e pela palavra encarnada (Jesus Cristo), Spurgeon só poderia ter um enorme entusiasmo pela palavra proclamada – a pregação –, à qual se dedicou com todas as forças da sua alma. Escrevendo sobre a herança de Spurgeon, Jorge Noda destacou diversos elementos, começando com este: a centralidade da pregação bíblica, a importância da preparação no exercício do ministério (estudo e oração), a seriedade no treinamento dos líderes, o incentivo da boa leitura, a espiritualidade aliada à ação social e a importância dos puritanos. Esse autor também destaca como o grande pregador foi influenciado pelos puritanos nessa área essencial do seu ministério: “Da mesma maneira como George Whitefield, J. C. Ryle, Martyn Lloyd-Jones e James Packer, Spurgeon encontrou nos puritanos munção poderosa para guerrear as guerras do Senhor”.³⁴

Falando em uma conferência no Reformed Theological Seminary, em Orlando, John Piper destacou duas qualidades de Spurgeon que o tem inspirado no ministério ao longo dos anos: (1) ele amava a verdade centrada em Deus, exaltadora de Cristo e saturada da Escritura, regozijando-se nela no púlpito; (2) ele amou as pessoas e se esforçou para ganhá-las e edificá-las.³⁵ Sua proclamação reunia esses grandes elementos: fé pessoal, amor pela verdade, regozijo na revelação bíblica, exaltação do Deus trino, senso de responsabilidade pelos ouvintes. A glória de Deus e a salvação dos homens o consumiam.

³² MCCASKELL, Stephen. “Through the Eyes of Spurgeon”. Ver também: FERREIRA, “Pela graça de Deus sou o que sou”, p. 274.

³³ DRUMMOND, “The secrets of Spurgeon’s preaching”, p. 15.

³⁴ FERREIRA, “Pela graça de Deus sou o que sou”, p. 277s.

³⁵ PIPER, “The life and ministry of Charles Spurgeon”.

CONCLUSÃO

Essas considerações nos levam de volta ao título deste artigo: “Tesouro em vaso de barro”. Esse notável homem de Deus e grande pregador era um vaso de barro, principalmente nas grandes provações que suportou, nas controvérsias em que se envolveu e nas lutas, angústias e dores físicas produzidas pela enfermidade. Referindo-se aos males de que padecia, ele disse num artigo em 1871:

É uma grande misericórdia poder mudar de lado quando deitado numa cama...
É uma grande misericórdia ter uma hora de sono à noite... Que misericórdia eu senti em ter só um joelho torturado ao mesmo tempo. Que bênção poder colocar o pé no chão novamente, ao menos por um minuto.³⁶

Porém, Spurgeon sempre encarava suas lutas da perspectiva do amor soberano de Deus. Em seu último sermão (07/06/1891), proferido numa época em que sentia fortes dores, ele concluiu com as seguintes palavras, referindo-se a Cristo:

Ele é o mais magnânimo dos capitães... Quando o vento sopra frio ele sempre ocupa o lado mais exposto da colina. A extremidade mais pesada da cruz sempre repousa sobre os seus ombros. Se ele nos manda carregar um fardo, ele o carrega também. Se existe qualquer coisa graciosa, generosa, gentil e terna, sim plena e superabundante de amor, vocês sempre a encontram nele. Nestes quarenta anos eu o tenho servido, bendito seja o seu nome! e não tenho tido nada senão amor da parte dele. Eu teria prazer em continuar por outros quarenta anos no mesmo caro serviço aqui embaixo se isso lhe aprouvesse. Seu serviço é vida, paz, alegria. Oh, que vocês entrassem nele de uma vez! Deus os ajude a se alistar sob o estandarte de Jesus ainda hoje! Amém.³⁷

Ao mesmo tempo, foi inquebrantável o seu tríplice compromisso com a Palavra: a Palavra encarnada do Verbo de Deus, objeto de sua profunda admiração, lealdade e amor; a Palavra escrita da revelação bíblica, que ele lia, estudava e entesourava no coração, e a Palavra proclamada do púlpito, à qual se dedicou com eficiência e poder por 40 anos. São esses os seus grandes legados para a presente geração.

ABSTRACT

The nineteenth-century British Baptist minister Charles Haddon Spurgeon is considered the “prince of preachers”. While still a teenager, he started to preach in an outstanding way and throughout forty years of ministry he

³⁶ AMUNDSEN, Darrel W. “The anguish and agonies of Charles Spurgeon”, p. 24.

³⁷ Ibid., p. 25.

proclaimed the gospel to millions of hearers. Thanks to the publication of his vast number of sermons, he is considered the individual with the largest volume of published works in the history of Christianity. Besides preaching vastly, he pastored a church of thousands of members, founded scores of organizations, and kept a voluminous correspondence. A striking trait of his career consisted in the fact that he was an ardent Calvinist, mainly due to the influence of the Puritans, whose writings he read since his childhood. This article starts with the main aspects of Spurgeon's biography, then it stresses the characteristics of his preaching and literary output, and finally it summarizes his thought around three topics: the Bible (the written word), Jesus Christ (the incarnated word), and preaching (the proclaimed word).

KEYWORDS

Charles Spurgeon; English Protestantism; Congregacionalism; Baptist church; Calvinism; Puritanism; Preaching; Bible; Jesus Christ.